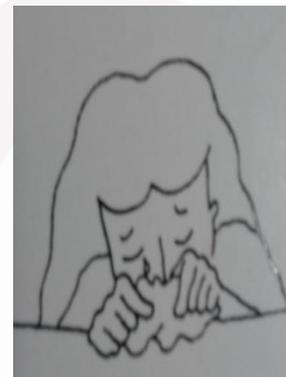


Feminilidades, masculinidades e violência contra a mulher

Dr. Fabrício Lemos Guimarães

- Doutor e Mestre em Psicologia Clínica e Cultura – PSICC/UnB
- Especialista em Terapia Familiar e de Casal – Interpsi/PUC-GO
- Pós-graduação em Impactos da Violência na Saúde – ENSP/FIOCRUZ
 - Terapeuta Comunitário – MISMEC/UFC
 - Facilitador de TRE – Trauma Release Exercises – CENTRAR
- Em formação especializada em Psicotraumatologia – Wings of Hope / ZPTN (Alemanha)
 - Psicólogo/Analista Judiciário – TJDFT
- Membro da Associação Brasileira dos Programas de Ajuda Humanitária Psicológica - ABRAPAHP
- Psicólogo da Essência Psicologia (CRP 01/13650 – DF e 09/5290 – GO)



Reflexões sobre gênero...

Vídeos sobre feminilidades:

- **Nós Deveríamos Todos Ser Feministas** (Chimamanda Ngozi Adichie, TEDxEuston - 28 min)
https://www.youtube.com/watch?v=hg3umXU_qWc
- **Era uma vez uma outra Maria** (Inst. Promundo/ECOS/Inst. Papai – 20 min)
<https://www.youtube.com/watch?v=-ezAQj3G4EY>
- **Se os homens menstruassem** (4 min)
<https://www.youtube.com/watch?v=cTsgKD5T5pQ>

Reflexões sobre gênero...

Vídeos sobre masculinidades:

- **Um apelo aos homens** (Tony Porter, TED Women - 11 min)
<https://www.youtube.com/watch?v=fbBeXQBvQ5s>
- **Minha vida de João** (Inst. Promundo/ECOS/I. Papai – 20 min)
<https://www.youtube.com/watch?v=gMatcineJi8>
- **Precisamos falar com os homens?** Uma jornada pela igualdade de gênero (trailer) (ONU Mulheres)
<https://www.youtube.com/watch?v=ZJ64IPTAMSU> (trailer, 3:30 min)
<https://www.youtube.com/watch?v=jyKxmACaS5Q> (completo, 51 min)

Reflexões sobre gênero...

Vídeos sobre questões relacionais: (próxima capacitação)

- **Não é fácil, não** (Inst. Promundo/Inst. NOOS – 18 min)
<https://www.youtube.com/watch?v=sRFb3b2-8bg>
- **Acorda Raimundo, Acorda!** (15 min)
<https://www.youtube.com/watch?v=HvQaqcYQyxU>
- **Era uma vez uma Família** (Inst. Promundo/ECOS/I. Papai – 23 min)
<https://www.youtube.com/watch?v=quCy1Kclzso>

Algumas referências - feminilidades

- Guimarães, F. L., & Diniz, G. (no prelo). Impactos do livro de uma mulher vítima na vivência de violência conjugal de outras mulheres. *Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia*, UERJ, 18(1).
- Guimarães, F. L., Angelim, F. P., & Diniz, G. (2017). “Mas ele diz que me ama...”: duplo-vínculo e nomeação da violência conjugal. *Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 33, 1-10. Recuperado em 20 de abril de 2017, de <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v33/1806-3446-ptp-33-e3346.pdf>
- Guimarães, F. (2009). “Mas ele diz que me ama...”: impacto da história de uma vítima na vivência de violência conjugal de outras mulheres. Dissertação de mestrado. Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília. Recuperado em 1 de julho de 2011, de <http://repositorio.unb.br/handle/10482/5952>
- Bandeira, L. (2009). Três décadas de resistência feminista contra o sexismo e a violência feminina no Brasil: 1976 a 2006. *Sociedade e Estado*, Brasília, 24(2), 401-438. Recuperado em 19 de maio de 2015, de www.scielo.br/pdf/se/v24n2/04.pdf
- Brah, A. (2006). Diferença, diversidade, diferenciação. *Cadernos Pagú*, 26, 329-376. Recuperado em 10 de junho de 2015, de <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n26/30396.pdf>
- Dantas-Berger, S. M., & Giffin, K. (2005). A violência nas relações de conjugalidade: invisibilidade e banalização da violência sexual?. *Cad. Saúde Pública*, 21(2), 417-425. Recuperado em 1 de agosto de 2008, de <http://www.scielo.br/pdf/csp/v21n2/08.pdf>
- Pandjarian, V. (2002). *Os estereótipos de gênero nos processos judiciais e a violência contra a mulher na legislação*. Rio de Janeiro: IPAS-Brasil. Recuperado em 2 de agosto de 2008, de <http://www.ipas.org.br/arquivos/valeria/painel.doc>
- Rodrigues, C. (2005). Butler e a desconstrução de gênero. *Revista Estudos Feministas*, 13(1), 179-183. Recuperado em 10 de junho de 2015, de <http://www.scielo.br/readcube/epdf.php?doi=10.1590/ref/v13n1/a12v13n1.pdf>
- Saffioti, H. I. B. (1999). Já se mete a colher em briga de marido e mulher. *Perspectiva*, São Paulo, 13(4), 82-91. Recuperado em 1 de agosto de 2008, de <http://www.scielo.br/pdf/spp/v13n4/v13n4a08.pdf>
- Scott, J. (2005). O enigma da igualdade. *Revista Estudos Feministas*, 13(1), 11-30. Recuperado em 10 de junho de 2015, de <http://www.scielo.br/pdf/ref/v13n1/a02v13n1.pdf>
- Silva, L. L., Coelho, E. B. S., & Caponi, S. N. C. (2007). Violência silenciosa: violência psicológica como condição da violência física doméstica. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 11(21), 93-103. Recuperado em 08 de junho de 2015, de <http://www.scielo.br/scieloOrg/php/articleXML.php?pid=S1414-32832007000100009&lang=en>

Algumas referências - masculinidades

- Guimarães, F. L. (2015). *“Ela não precisava chamar a polícia...”: anestésias relacionais e duplo-vínculos na perspectiva de homens autores de violência conjugal*. Tese de doutorado. Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília. Recuperado em 7 de agosto de 2016, de <http://repositorio.unb.br/handle/10482/20983>
- Guimarães, F. L., & Diniz, G. (2017). Masculinidades, anestésias relacionais e violência conjugal contra a mulher. In A. Beiras & M. Nascimento (Orgs.), *Homens e violência contra mulheres: pesquisas e intervenções no contexto brasileiro*. Rio de Janeiro: Instituto NOOS. ISBN 978-85-86132-23-0
- Guimarães, F. L., & Diniz, G. (2017). Masculinidades, duplo-vínculo e violência conjugal contra a mulher. In C. STEVENS, S. R. OLIVEIRA, V. ZANELLO, E. SILVA, & C. PORTELA (Orgs.) *Mulheres e violências: interseccionalidades* (p. 586-606). Brasília: Technopolitik, 2017. ISBN 978-85-92918-04-0 (versão digital em PDF). Recuperado em 20 de abril de 2017, de https://media.wix.com/ugd/2ee9da_7655fb848516489fa7634659ebf497f2.pdf
- Beiras, A. (2014). *Relatório Mapeamento de Serviços de atenção grupal a homens autores de violência contra mulheres no contexto brasileiro*. Rio de Janeiro: Instituto NOOS. Recuperado em 3 de maio de 2015, de http://www.noos.org.br/userfiles/file/Relat%C3%B3rio%20Mapeamento%20SHAV_site.pdf
- Beiras, A., & Cantera, L. (2012). Narrativas pessoais, construcción de masculinidades – aportaciones para la atención psicosocial. *PSICO*, Porto Alegre, PUCRS, 43(2), 251-259. Recuperado em 22 de abril 2015, de <http://www.revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/viewFile/10023/8035>
- Blay, E. V. (2014). *Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher*. São Paulo: Cultura Acadêmica.
- Camargo, B. V., Campos, P. H. F., Torres, T. L., Stuhler, G. D., & Matão, M. E. L. (2011). Representações sociais de saúde e cuidado: um estudo multicêntrico sobre vulnerabilidade masculina. *Temas em Psicologia*, 19(1), 179-192. Recuperado em 11 de maio de 2015, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2011000100014&lng=pt&tlng=pt
- Lima, D. C., & Büchele, F. (2011). Revisão crítica sobre o atendimento a homens autores de violência doméstica e familiar contra as mulheres. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 21(2), 721-743. Recuperado em 27 de abril de 2015, de <http://www.scielo.br/pdf/physis/v21n2/a20v21n2.pdf>

Algumas referências – masculinidades

Continuação...

- Ponce-Antezana, A. (2012). Intervenção com homens que praticam violência contra seus cônjuges: reformulações teórico-conceituais para uma proposta de intervenção construtivista-narrativista com perspectiva de gênero. *Revista Nova Perspectiva Sistêmica*, 42, 9-25. Recuperado em 10 de junho de 2015, de <http://www.revistanps.com.br/index.php/nps/article/view/121/96>
- Moore, R. A. (2015). *Violência e gênero: vulnerabilidade masculina*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília. Recuperado em 3 de junho de 2015, de http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/18126/1/2015_RafaelAlbertoMoore.pdf
- Machin, R., Couto, M. T., Silva, G. S. N., Schraiber, L. B., Gomes, R., Figueiredo, W. S., Valença, O. A., & Pinheiro, T. F. (2011). Concepções de gênero, masculinidade e cuidados em saúde: estudo com profissionais de saúde da atenção primária. *Ciência & Saúde Coletiva*, 16(11), 4503-4512. Recuperado em 12 de maio de 2015, de <http://www.scielo.br/pdf/csc/v16n11/a23v16n11.pdf>
- Medrado, B., & Lyra, J. (2008). Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, 16(3). Recuperado em 19 de maio de 2015, de <http://www.scielo.br/pdf/ref/v16n3/05.pdf>
- Medrado, B., Lemos, A. R., & Brasilino, J. (2011). Violência de gênero: paradoxos na atenção a homens. *Psicologia em Estudo*, 16(3), 471-478. Recuperado em 11 de março de 2015, de <http://www.scielo.br/pdf/pe/v16n3/v16n3a14.pdf>
- Nascimento, E. F., Gomes, R., & Rebello, L. E. F. S. (2009). Violência é coisa de homem? A naturalização da violência nas falas de homens jovens. *Ciência & Saúde Coletiva*, 14(4), 1151-1157. Recuperado em 11 de maio de 2015, de <http://www.scielo.br/pdf/csc/v14n4/a16v14n4.pdf>
- Oliveira, K. L. C., & Gomes, R. (2011). Homens e violência conjugal: uma análise de estudos brasileiros. *Ciênc. saúde coletiva*, 16(5), 2401-2413. Recuperado em 15 de abril de 2015, de <http://www.scielo.org/pdf/csc/v16n5/a09v16n5>
- Separavich, M. A., & Canesqui, A. M. (2013). Saúde do homem e masculinidades na Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem: uma revisão bibliográfica. *Saúde e Sociedade*, 22(2), 415-428. Recuperado em 15 de abril de 2015, de <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v22n2/v22n2a13.pdf>

Algumas Estatísticas

- **OMS (1999)**: pesquisa em 35 países:
Problema muito mais **grave e generalizado**
que se suspeitava
- **OMS (2005)**:
Mulheres que tiveram parceiro e sofreram
violência física ou sexual:
 - Alguma vez na vida: 15 a 71% (média de 24 a 53%).
 - No último ano: 4 a 54%

Algumas Estatísticas

Frequência – violência contra a mulher no Brasil

(Fundação Perseu Abramo, 2001)

FORMAS DE VIOLÊNCIA	Nº DE AGRESSÕES SOFRIDAS PELAS MULHERES					UMA AGRESSÃO ACONTECE A CADA
	por ano	por mês	por dia	por hora	por min.	
Quebradeira dentro de casa	3.780.036	315.003	10.500	438	7	8 segundos
Ameaça de espancamento	2.433.970	202.831	6.761	282	5	12 segundos
Se trancada em casa, impedida de sair	1.936.116	161.343	5.378	224	4	15 segundos
Ameaças a integridade física com armas de fogo	1.327.622	110.635	3.688	154	3	20 segundos
Tapas e empurrões	4.425.408	368.784	12.293	512	9	7 segundos
Espancamento	2.286.461	190.538	6.351	265	4	15 segundos

Estatísticas: Feminicídios

- Mapa de Homicídios no Brasil: (Waiselfisz, 2012, 2015)
 - Brasil: 7º para o 5º mais violento do mundo
 - Estados: ranking
 - DF: 7º
 - GO: 12º
 - Capitais:
 - Goiânia: 26º
 - Brasília: 27º
 - Entorno DF: abrange 8 dos 15 municípios mais violentos (índices de homicídios para mulheres em Goiás)

Algumas Estatísticas

Mito: “Tapinha de amor não dói”

- 1 em cada 5 dias de falta ao Trabalho;
- A cada 5 anos, perde 1 de vida saudável
- América Latina e Caribe:
 - 14,6% do PIB (US\$170 bilhões)
- **Brasil: 10,5% do PIB**
(Pandjarian, 2002; CEPIA/Banco Mundial, 2003; Medeiros, 2010)

Algumas Estatísticas

- VD: dentre **10 principais causas de morte** no mundo
 - Mulheres de 15 a 44 anos (OMS, 1999)
- **Feminicídio** no Brasil:
 - Últimos 30 anos: **91,6 mil** mulheres
 - 43,5 mil: **última década** (aumento: 217,6%)
 - 68,8% na **residência** da vítima
 - Faixa etária de 20 a 49 anos: 65%
(ex)parceiros

Algumas Estatísticas

Homicídio de mulheres no Brasil nos últimos 30 anos



Fonte: SIM/SVS/MS

- **Violência Doméstica e Violência Social**
 - VD: Repercute em **toda sociedade**
 - “**Mão-dupla**”: favorece e potencializa a outra – ciclo vicioso
 - **Naturaliza e justifica** socialmente a violência
 - Violência: meio natural para **lidar/resolver problemas**
 - OPAS (2003): tendência à violência, agravos à saúde e abuso de drogas.
 - VD: berço do crime (Chioquetta, 2014)

(Guimarães, 2009; Minayo, 2009, Faleiros, 2007; Assis & Avanci, 2009; Dias, 2006; Medrado & Mélo, 2008)

VD: MITOS, REALIDADE E INTERVENÇÃO

“Mulher espancada é masoquista”?

“se você não sabe porque bateu na sua esposa, não se preocupe, ela sabe”

VD: MITOS, REALIDADE E INTERVENÇÃO

Relato dos participantes da pesquisa:

“a um homem é permitido bater em uma mulher se ela não alimentar as crianças, quando ela fofoca o tempo todo e quando ela não limpa a casa”
(Banco Mundial/CEPIA, 2003).

VD: MITOS, REALIDADE E INTERVENÇÃO

Estupro como cortesia:

“Será justo, então, o réu Fernando Cortez, primário, trabalhador, sofrer pena enorme e ter a sua vida estragada por causa de um **fato sem conseqüências (estupro)**, oriundo de uma **falsa virgem**? Afinal de contas, esta vítima, **amorosa com outros rapazes**, vai continuar a sê-lo. Com Cortez, **assediou-o** até se entregar e o que, em retribuição lhe fez Cortez, uma cortesia...”

(TJRJ, 10/12/74, RT481/403, em Pandjarian, 2002)

VD: MITOS, REALIDADE E INTERVENÇÃO

- Culpar a mulher: fruto da estrutura machista e patriarcal;
- Atribuída: provocação/sedução da mulher;
- Homem autor/sociedade: Fez algo errado
– justifica o abuso (Grossi, 1995; Guimarães, 2009, 2015)

VD: MITOS, REALIDADE E INTERVENÇÃO

- Estudos norte-americanos:
 - **Não** identificaram: transtornos de **personalidade ou patológicos** em mulheres vítimas de violência (Hotaling & Sugarman, 1986, em Grossi, 1995);
- Mulheres: tratamento de “não-sujeitos”; **não consentem, cedem** - relação patrão-empregado (Saffioti, 1999)

VD: MITOS, REALIDADE E INTERVENÇÃO

- Dificuldade em **falar e lidar** com VD;
- Medo: não ser compreendida. Além de não receber apoio é **culpabilizada/responsabilizada, julgada, desvalorizada, estigmatizada** (familiares e/ou instituições que deveriam prestar proteção)

(Diniz & Angelim, 2003; Pondaag, 2003, 2009; Diniz & Pondaag, 2004, 2006).

VD: MITOS, REALIDADE E INTERVENÇÃO

“Homem que bate em mulher é louco”?

VD: MITOS, REALIDADE E INTERVENÇÃO

Mito: “Homem que bate em mulher é louco”

- Transtornos psicopatológicos: pequeno percentual dos homens autores
- Pesquisas internacionais: apenas 2% dos agressores **sexuais** possuem transtorno
- Violência: problema social com repercussão psicológica (não o contrário)

(Grossi, 1995; Saffioti, 1999)

VD: MITOS, REALIDADE E INTERVENÇÃO

- Violência: ato **consciente** – obter controle e poder na relação e não perda momentânea de controle.
- Interrupção: quando forem responsabilizados (Nichols & Schwartz, 2007)
- Além da responsabilização (Guimarães, 2015)
 - Posicionar contra: contextos de poder e não contra os homens
 - Rejeitar a violência: aceitar o indivíduo
 - Valorizar falas masculinas: vivências, necessidades e potencialidades
 - Investir: mudança, transformação e reelaboração de significados

(Akoensi et al., 2013; Bandeira, 2009; Feder & Wilson, 2005; Gondolf, 2011; Graham-Kevan, 2007; Hamilton et al., 2013; Lima & Büchele, 2011; Matjasko et al., 2012; Medrado et al., 2011; Ponce-Antezana, 2012; Scott et al., 2011; Toneli et al., 2008, 2010; Yamamoto & Colares, 2015)

VD: MITOS, REALIDADE E INTERVENÇÃO

“Em briga de marido e mulher ninguém mete a colher”?

VD: MITOS, REALIDADE E INTERVENÇÃO

Mito: “Em briga de marido e mulher ninguém mete a colher”

- Direitos Humanos: Convenções e Tratados Internacionais
- CF: art. 226
- LMP
- Ciclo de violência: importância da intervenção de terceiros/externa

Ninguém mete a colher?

- **Justificar omissão do Estado:**
 - Entrevista delegado após assassinato de mulher (fev 2014): não temos condições de ter um policial para cada mulher (polícia espartana)
- **Exemplos: intervenções judiciais/policiais bem sucedidas**
 - 1991 – DF: EDUCS (atual Provid)
 - 2003 – MG: Uberlândia: PAM – Patrulha de Atendimento Multidisciplinar
 - 2012 – ES: Botão do Pânico
 - 2012 – RS: Patrulha Maria da Penha
 - 2013 – MG: Tornozeleira Eletrônica

VD: MITOS, REALIDADE E INTERVENÇÃO

Reflexão sobre Mitos e Gênero:

- Impacto direto: modo de lidar/intervir da sociedade e profissionais;
- Negligências e omissões das instituições: **justificadas** com base nesses mitos;
- Entender os efeitos deletérios dos mitos: etapa importante do trabalho de compreensão e de intervenção (Diniz & Angelim, 2003).

É INCRÍVEL QUE HOJE EM DIA, com tantas inovações tecnológicas, do botox à uva Itália sem caroço, não estejamos aptos a escolher o sexo dos nossos filhos. Podemos decidir sobre coisas banais, como o sabor da pasta de dente e shampoos para cabelos lisos ou crespos, mas algo importante como o sexo dos nossos filhos é algo que nem a natureza nem a ciência nos concedeu escolher. Só descobrimos no quarto ou quinto mês da gestação, naquela imagem péssima da televisão da ecografia (outra coisa que precisa ser aprimorada pela tecnologia).

Faz diferença se é menino ou menina? Sou pai de duas meninas. Elas são meigas e carinhosas e se eu tivesse mais mil filhos gostaria que fossem mil garotas. Mas tenho amigos que têm meninos incríveis, educados e criativos. Meninos são mais práticos, exploram lugares e fazem experiências. Garotos gostam de quebrar coisas, chutar bola em coisas, sujar coisas, pisar em coisas. Acho que eu me divertiria muito com filhos homens. Porém, dizem que meninos são mais ligados à mãe. Meninas são mais ligadas ao pai. Não sei se é verdade, mas gosto de ser o preferido. Vocês, mães de garotos, sabem como é.

Se pudesse escolher, porém, acredito que a maioria das pessoas escolheria ter filhos homens. O mundo é melhor para os homens. Meninos são tratados com mais liberdades, têm menos medo de sair na rua, sofrem menos preconceito e quando começam a trabalhar ganham salários melhores. Seria loucura se pudéssemos escolher o sexo dos filhos e mesmo assim escolhêssemos meninas.

Olho pras minhas filhas todos os dias e lembro que um dia irão crescer. Ganharão salários menores? Serão assediadas pelo chefe? Serão tratadas como pessoas frágeis e incapazes? Terão suas intimidades vazadas na internet? Ou teremos evoluído? O mundo será mais seguro para elas? O mundo será mais justo?

Acho que seria uma evolução tecnológica incrível poder escolher o sexo do seu futuro filho. Mas uma outra evolução precisa acontecer antes disso.

Reflexões sobre gênero...

Desigualdade de gênero = **Diferença** entre os sexos?

“O Feminismo não é uma guerra das mulheres pelas mulheres. Talvez o feminismo enquanto movimento marcado historicamente pela radicalidade seja uma luta por um mundo onde ser homem ou mulher não faça diferença alguma.

Essa perspectiva, a nosso ver, não tem o sentido de igualar mulheres e homens. Pelo contrário é a luta constante contra discursos e práticas que nos fazem pensar que há alguma vantagem ser homem ou mulher”

(Conceição, 2009)

Feminilidades, masculinidades e violência contra a mulher



Obrigado!!!

billguimaraes@yahoo.com.br (E-mail)

www.fabricioguilmaras.com.br (Site)